

Relatório de aulas: Sociologia Econômica – Prof. Renê

Fabricio Michell Soares

Aula 1 – 07 de agosto

Nesta aula inaugural, foi debatido o plano de ensino da disciplina:

Ementa

As fronteiras entre a economia e as ciências sociais, que nos autores clássicos sempre foram confundidas, estão sendo novamente colocadas em questão. Por um lado, na economia, as escolas neo-clássica, neo-institucional e evolucionista, cada uma a seu modo, avançam no terreno tradicional das ciências sociais – instituições, organizações, convenções. Por outro lado, a sociologia incorpora o mercado como objeto legítimo de reflexão na consolidação da área de sociologia econômica ou sociologia da vida econômica. A disciplina analisará as convergências e divergências que surgem a partir desta aproximação, examinando os seguintes temas: comportamento econômico e racionalidade, organizações, instituições, convenções, mercados, valores e consumo.

Objetivos

Introduzir os principais debates que abordam a dinâmica da vida econômica a partir do seu enraizamento na vida social, cultural e política.

A disciplina pretende seguir o mesmo plano de ensino elaborado e oferecido para os alunos do prof. John Wilkinson do CPDA/UFRRJ.

As aulas serão realizadas no formato de “grupo de estudos”, no qual os estudantes devem se comprometer com a leitura integral dos textos selecionados e participar em aula por meio de debates orientados.

Fiquei muito contente com a explanação do que vai ser debatido nas aulas, acredito que a disciplina será bastante proveitosa na construção da minha dissertação. Reforço ainda que o formato proposto das aulas seja igual ao utilizado na disciplina de TO, grupo de estudo, que na minha opinião proporciona um maior aprofundamento e contribuição dos participantes, podendo assim oportunizar um maior engajamento de todos.

O professor Renê informou que nesta turma irá reduzir a quantidade de textos utilizados, podendo focar assim com maior profundidade nos textos mais importantes.

Aula 2 – 14 de agosto

Nesta 2ª aula eu não pude estar presente devido à participação no Encontro de Finanças.

Texto: Marques, R. “Os Trilhos da Nova Sociologia Econômica” in A Nova Sociologia Econômica, Celta, 2003.

O texto trata da introdução do livro de Rafael Marques, onde ele apresenta os autores de maior relevância nesta temática além de caminhar pela evolução da Sociologia Econômica no decorrer dos anos, passando desde os períodos de dormência do tema até a retomada por seu interesse na década de 80, já denominando a mesma como “A nova sociologia econômica (NSE)”.

Logo de início Marques destaca a importância de Granovetter para a NSE, colocando o teórico entre os mais importantes, inclusive citando o texto mais antigo do livro, A (re)descoberta de

Granovetter (1985) da tese da incrustação (embeddedness), que unanimemente é considerado como a proclamação mais decisiva desta emergente corrente sociológica. É com ela que surge um momento marcante na gênese da NSE, “não tanto por se tratar do primeiro contributo teórico relevante da corrente (que o não é), mas sobretudo por significar que a nova escola assume uma posição diferenciada em face dos projetos alternativos. “

Esta tese da incrustação apresenta o entendimento que:

“o ator social é moldado pelo conjunto de relações sociais que estabelece com outros atores relevantes e que todas as ações, fenômenos e instituições econômicas só são significativas se lidas à luz da sua inclusão num quadro de relações sociais significativas. (...) Os atores não são, pois, definidos nem pelo primado do *homo economicus* nem pelo primado do *homo sociologicus*, uma vez que ambos representam uma concepção geral de *homo clausus*.” (Marques 2003 apud Granovetter 1985)

Esta tese que defende que na verdade existem múltiplos fatores que levam o agente econômico a tomar decisões, também confronta alguns temas que são aceitos pelo público em geral como ao destacar que em alguns casos o monopólio não é prejudicial aos consumidores e que as empresas lutam pela sobrevivência, sendo a eficiência somente um fator secundário para se atingir esse fim.

Marques continua debatendo outros assuntos da obra, entre eles 3 conceitos nucleares: **confiança, redes e capital social**, que assumem papel central na teorização sociológica. Para entendê-las, trago algumas frases que resumem estas ideias. **Confiança**: “não é a confiança que se constitui em elemento civilizacional, mas a desconfiança. É por haver uma crise de confiança que surgem as instituições e os contratos”. **Redes**:

“As redes são o elemento estrutural que define padrões de comunicação, hipóteses de difusão, quadros de mobilização de recursos materiais e humanos, contribuindo para o desenvolvimento de alianças e coligações políticas determinantes para o futuro do mundo econômico”.

Capital social:

“... numa primeira versão o capital é um recurso de indivíduos que emerge dos seus laços sociais, ou um conjunto de vantagens e de oportunidades que os indivíduos obtêm por participarem de certas comunidades, grupos e associações. Nesta acepção, o capital social corresponde a stocks de confiança social que os indivíduos usam para resolver problemas comuns. (...) diz respeito a normas gerais de reciprocidade, com expectativas de compensação de favores”.

Um dos levantes de maior importância é a discussão acerca do mercado. Nela, onde ao mesmo tempo que se acusa a teoria econômica de ser superficial na análise dos mercados, pode-se destacar que o **mercado e a moralidade** estarão em constante relacionamento. Parte importante abordada ainda é o modelo de Zelizer, onde o mesmo defende um modelo essencialmente culturalista de mercado e quadro teórico de Fligstein, que destaca o fator político cultural, onde cada ator tenta buscar a estabilização e o controle da competição.

Aula 3 – 04 de setembro

Texto: Steiner, P. A Sociologia Econômica, Atlas, 2006.

O Economista e filósofo Philippe Steiner, escreveu este livro que é considerado como um dos poucos livros disponíveis em português que apresentam, de forma sintética e ao mesmo tempo aprofundada, os principais temas e abordagens da Sociologia Econômica. Ele aprofunda o debate de diversos objetos que a sociologia aborda como a sociologia econômica de mercado, a construção social das relações mercantis, as redes sociais, funcionamento dos mercados e a inserção cognitiva e o mercado.

Ao tratar das relações mercantis, a nova sociologia econômica tenta olhar além e considera que estas são dadas por aspectos que superam a simples questão da racionalidade econômica. Ela tenta compreender os comportamentos econômicos do mercado explicitando a noção de construção social das relações mercantis, ou seja, explicando como as relações sociais contribuem de maneira decisiva para a criação e a evolução das instituições e das relações mercantis.

Uma parte importante tratada no livro é a ideia de laços sociais frágeis de Granovetter, “força dos vínculos frágeis” para abordar a importância das Redes Sociais:

“Granovetter sobre o mercado de trabalho repousa na ideia de que a informação sobre o estado do mercado não passa, obrigatoriamente, pelos preços, e de que ela não se encontra distribuída de maneira equitativa entre os participantes do mercado. Os que possuem mais vínculos frágeis (vínculos de amizade) que vínculos fortes (vínculos de família) têm acesso a informações mais relevantes e mais eficientes do que os outros.”

Me chamou muita atenção a maneira como a questão cognitiva foi abordada no texto, no fato de que a análise de redes toca também em um ponto muito atual do estudo do mercado ao considerar a importância da dimensão cognitiva. Esta abordagem me fez tentar conectar o texto com as atuais Teorias das ciências econômicas, ponto que acredito seja a partida para a produção do meu relatório de final de curso.

Aula 4 – 11 de setembro

Texto 01: Granovetter, M. “Ação Econômica e Estrutura Social: o Problema da Incrustação” in A Nova Sociologia Econômica, (op. cit.) Publicação original: American Journal of Sociology, 91, 1985.

Texto 02: Raud-Mattedi, C. “Análise Crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação” in Política e Sociedade, v. 6 pp 59-82, Florianópolis, 2005;

Nestes dois textos onde as contribuições de Granovetter são tratadas de maneira mais profunda, os conceitos de Embeddedness e Construção Social foram retomados e analisados intensamente.

Quando avalia o nível de imersão do comportamento econômico nas relações sociais, Granovetter exemplifica as concepções supersocializadas e subsocializada da ação humana na sociologia e na economia. Ele sinaliza dizendo que o nível de imersão é mais baixo do que aquele sustentado pelos substantivistas e teóricos do desenvolvimento econômico considerando também que é mais alto do que consideram os economistas.

A Atomização da sociedade é debatida e aprofundada no texto, esta atomização ocorre a partir do momento que o indivíduo / agente é reduz-se extremamente por influências ao meio que permeia.

Pontos sobre a auto regulação do mercado foram debatidos, tomando como exemplo as grandes bolsas de valores, a “nova economia institucional” diz que as estruturas dos mercados, por serem auto reguladas, dão conta para conter as ações oportunistas dos agentes econômicas, já o texto vem combater este conhecimento e propõe uma visão contrária a esta, defendendo que quanto maior o crescimento de organizações como as bolsa de valores, mais subgrupos estruturados em rede, buscarão relações de redução de risco porque eles vão se sentir gradativamente mais ameaçados por ações oportunistas, isso geraria mais insegurança e Granovetter tenta explicar isso pelas redes de relações interpessoais de agentes econômicos.

Este ponto de do nosso debate em sala me chamou bastante atenção devido a oportunidade de enxergar o mercado de ações sobre uma outra perspectiva, minando um pouco os pressupostos que tanto acreditava da auto regulação do mercado.

Já especificamente no segundo artigo escrito por Cécile Raud-Mattedi, é realizada uma crítica sobre o trabalho de sociologia econômica de Mark Granovetter. Uma das principais críticas que a autora levanta traz referência a uma postura ambígua a respeito das relações entre **Ciências Econômicas e Sociologia Econômica**, onde o autor não assume uma posição clara a este respeito, assumindo em alguns momentos uma abordagem individualista como na economia e em outros momentos ele trabalha com o modelo de agente supersocializado.

Aula 5 – 25 de setembro

Texto 01: Collet, F. “Economic Action and Social network Influences. A Discussion around Mark Granovetter’s Sociology of Economic Life, European Sociological Association Conference, 2003;

Texto 02: Nee, V. & Ingram, P. “Embeddedness and Beyond: Institutions, Exchange & Social Structure” in The New Institutionalism in Sociology, Stanford, 1998;

Nesta aula debatemos sobre o teorema de Coase que é tratado no artigo do Nee, ele aborda o conceito de custos de transação como custos decorrentes de lidar com as relações sociais no intercâmbio econômico e desenvolveu uma teoria inovadora da empresa como um domínio institucional no qual a troca de mercado é suprimida por uma autoridade hierárquica como meio de economizar nesses custos de transação. Granovetter ampliou a teoria de Coase afirmando que a especificidade de ativos e a economia de custos de transação explicam os limites das empresas. Granovetter destacou ainda que essa estrutura de mercado e hierarquia negligenciava a importância das relações sociais para restringir o oportunismo e resolver o problema da confiança.

No segundo texto, Collet traz uma crítica aos estudos de Granovetter dizendo que ele considerava apenas a motivação utilitarista, dando pouca ou quase nenhuma importância para as instituições. Um ponto importante do debate em aula foi com relação à visão neo-institucionalista onde a mesma enxerga as relações mercantis e sociais dentro de pequenos grupos.

Com base nos textos, também foi debatido amplamente a questão das instituições. O Professor Renê também disponibilizou um vídeo da filósofa e professora Marilena Chauí onde a mesma trata clara e brilhantemente a diferença entre Instituições e Organizações que resumo abaixo:

Diferença entre Instituição e Organização (Marilena Chauí)

A Instituição social é uma ação social, uma prática social que é fundada no reconhecimento público da sua legitimidade e das suas atribuições num princípio de diferenciação que lhe permite se relacionar com as outras instituições, mas manter a sua autonomia.

Uma instituição é estruturada por um ordenamento interno, por regras, por normas, por valores de reconhecimento e de legitimidade internos e externos.

Institucionalmente uma sociedade é constituída, portanto pela multiplicidade e heterogeneidade de uma rede de instituições.

Já uma organização difere de uma instituição social porque ela define por uma outra prática, ela se define pela prática da sua instrumentalidade, ela está referida a um conjunto de meios particulares para a obtenção de um objetivo particular.

A organização está ligada à ideia de operação, se realiza através de meios que são determinados para alcançar objetivos particulares. Regime no qual imperam as ideias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito.

INSTITUIÇÃO	ORGANIZAÇÃO
É sempre histórica	Não tem correlação com a temporalidade da história.
É o lugar das relações	É o lugar da fragmentação, da particularização
Lugar da continuidade de transformações	Lugar da não Relação
	Lugar do efêmero

O Neoliberalismo opera com a organização. Ele opera pela destruição das instituições (desinstitucionalizar o Brasil), e a substituição das instituições pelas organizações.

O neoliberalismo não é uma mutação histórica do capitalismo, com a passagem da hegemonia econômica do capitalismo produtivo para o capitalismo financeiro. O neoliberalismo é uma mutação sociopolítica.

“A nova forma de Totalitarismo”

O que caracteriza o Totalitarismo não é a figura do chefe autocrata, não é a presença do racismo, do nacionalismo, do patrimonialismo. Estes são efeitos à roda do Totalitarismo. O que caracteriza o Totalitarismo é que ele transforma todas as instituições sociais em uma única instituição homogênea.

O Totalitarismo homogeneiza a sociedade inteira, tornando-se internamente indiferenciada, totalizando toda a sociedade.

O neoliberalismo totaliza a sociedade inteira através de um tipo determinado de organização, A EMPRESA. (Escola, Hospital, Centro cultural, cultura, estado). Existindo então o bloqueio da diferenciação interna das instituições, das práticas pelas quais elas se realizam, em conflito ou em harmonia, em reconhecimento ou não, e, portanto, aquilo que é fundamental na existência da democracia que é a necessidade e a legitimidade da diferença e do conflito.

Aula 6 – 02 de outubro

Aula dedicada a relembrar, sintetizar e conectar os conceitos debatidos nas primeiras aulas.

Aula 7 – 09 de outubro

Texto 01: Raud-Mattedi Cécile, “A Construção Social do Mercado em Durkheim e Weber “, Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2005;

Texto 02: Vinha, V. de, “Polanyi e a Nova Sociologia Econômica: uma Aplicação Contemporânea do Conceito do Enraizamento Social”, Econômica v 3 n2 dez. 2001 (impresso em set. 2003)

No texto da Cécile, a autora discute as visões de Weber e Durkheim sobre a construção social do mercado. De acordo com ela estes autores apesar de insistirem em uma dimensão socializadora da relação mercantil contribuíram através de suas reflexões de maneira fundamental para a emergência de uma sociologia clássica do mercado, proporcionando a base para outros autores como Bourdieu e Fligstein retomarem a construção teórica.

Cécile acredita que seja necessário aprofundar a dimensão socializadora da relação mercantil em três direções:

Primeiro, ao tratar da relação entre ética e economia as ideias primordiais de Durkheim precisam ser melhor debatidas. Um exemplo seria a análise sobre o preço justo, apesar de parecerem refletir nas análises desenvolvidas em torno da noção de “economia moral”, elaborada inicialmente por E. P. Thompson, elas ainda se encontram rasamente debatidas.

Uma segunda direção seria o resgate e aprofundamento das análises iniciadas por Durkheim e Weber a respeito do papel do Estado, cuja importância reside menos numa regulação direta da economia do que na difusão de valores fundamentais para o funcionamento apropriado do mercado.

A última direção seria o aprofundamento da noção de mentalidade economia iniciada por Weber e Durkheim, onde os mesmos já traziam o ator econômico não se comportando como um autômato, que reage aos estímulos do mercado, mas de acordo com elementos subjetivos, que não são individuais, mas sociais, isto é, enraizados no longo prazo e veiculados pelas instituições.

No texto da Valéria da Vinha, são discutidos a revitalização e resgate da Sociologia econômica pela NSE, onde as principais premissas de Karl Polanyi são apresentadas e como estas ajudam a explicar e compreender as manifestações contemporâneas surgidas no bojo das convenções do desenvolvimento sustentável e da responsabilidade social corporativa.

O debate em sala de aula foi muito enriquecedor, quando discutimos sobre a maneira que uma mesma questão pode ser observada pela tradicional Sociologia econômica e a NSE (Nova Sociologia Econômica) podemos verificar que a questão da ética que a NSE utiliza para tratar pequenas concessões como a questão da confiança e má fé. Sobre uma visão mais radical, como exemplo da ciência política ou teoria marxista, ela poderia ser frontalmente desqualificada quando considerasse pequenas concessões ao sistema. Mas já sob uma lente da NSE, estas questões seriam tratadas para se chegar a um entendimento de como estes mecanismos operam e funcionam na sociedade.

Aula 8 – 16 de outubro

Nesta aula recebemos dois orientandos de doutorado do professor Renê, a Larisse e o Givaldo. Eles compartilharam conosco os trabalhos que ambos vem desenvolvendo, suas conclusões iniciais e suas experiências ao pesquisar suas temáticas.

Na minha opinião foi uma aula muito proveitosa, principalmente pelos doutorandos compartilharem conosco as dificuldades de construir um pensamento correlacionando os estudos teóricos com as observações em campo realizadas.

O doutorando Givaldo iniciou o debate apresentando sua temática que é sobre a inclusão e exclusão territorial de vitivinicultores no contexto da indicação geográfica vales da uva Goethe. Ele tenta discutir em seu estudo o ganho que a indicação geográfica possibilita ao valorizar toda a região produtora ao seguir padrões na produção específicos, característicos daquela localidade que muitas vezes são determinados pelas condições geográficas, cultura dos produtores características semelhantes do produto.

Estes produtores passam assim a possuir autorização para utilizar um “selo” que permite identificar a origem do produto como daquela região.

O Givaldo tenta assim associar enxergar este fenômeno pela teoria das redes sociais de Granovetter, observando como estes produtores relacionam-se entre si e com seus parceiros.

Até o presente momento da pesquisa, ele já consegue observar alguns pontos como o que ele verifica que os laços fracos construídos nestas parcerias possuíam grandes influências na maneira de produção e distribuição dos produtos.

A doutoranda Larisse, informou que devido a algumas limitações, recentemente modificou o foco de sua tese que agora tratará sobre o conflito entre as ações diárias do professor dos IF's e a forma de gerir do *Management*, com o tema: “O confronto entre a *illusio* e a prática docente no campo do *management*”.

Ela questionará em sua tese os antagonismos e as tensões dos professores dos IF's, a partir do referencial de Bourdieu, envolve discutir o habitus desses agentes que é um sistema de disposições duráveis e transponíveis através do qual percebemos, julgamos e agimos no mundo.

As discussões em turma foram bem proveitosas, levando inclusive a uma lembrança dos autores que estudamos na disciplina de TO que criticavam a imposição do *management* em todos os campos inclusive na educação.

Infelizmente não tivemos mais tempo para discutir sobre o tema da Larisse devido a discussão do trabalho do Givaldo ter demorado mais.

Aula 9 – 23 de outubro

Texto 01: GRANOVETTER, Mark S. The Strength of Weak Ties. American Journal of Sociology, Volume 78, Issue 6 (May, 1973), 1360-1380.

Texto 02: GRANOVETTER, Mark S. The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. Sociological Theory, Vol. 1 (1983), 201-233.

Os textos estudados nesta aula são bem complementares, eles tratam da força dos laços fracos descrita por Granovetter e tratarei nos comentários como um só texto. O estudo das ligações de nível micro e macro é de central importância para o desenvolvimento da teoria sociológica geralmente é

deixado de lado em detrimento aos laços fortes. Tal ligação gera paradoxos: laços fracos, frequentemente denunciados como geradores de alienação (Wirth, 1938), são aqui vistos como indispensáveis às oportunidades dos indivíduos e à sua integração nas comunidades; laços fortes, criando a coesão local, levam à fragmentação geral.

O autor trás diversos exemplos das características dos laços e um deles é o impacto deles na obtenção de um emprego por exemplo. O autor comenta que o uso de laços fracos em encontrar empregos tem uma forte associação com maior realização ocupacional, apenas na medida em que os laços fracos conectam o entrevistado a um indivíduo que está bem colocado na estrutura ocupacional. Os laços fracos são mais eficientes em alcançar indivíduos de status elevados.

Ele também comenta que em um estudo de Stack (1974) e Lomnitz (1977) que geralmente os laços fortes são utilizados nas relações sociais entre os menos favorecidos, conhecidos como “pobres”.

Um outro conceito tratado no texto e que foi bem debatido em sala foi o conceito de ponte que é uma linha em uma rede que fornece o único caminho entre dois pontos. Nesta temática discutimos alguns modelos de redes onde existe “pontes” e como podemos representa-las para indicar maior ou menor distância entre os pontos, estratégia importante para ser usada principalmente quando há um a quebra de uma ponte.

Aula 10 – 30 de outubro

Texto 01: Beckert, J. The Social Order of Markets, mimeo;

Texto 02: Fligstein, N. & Dautier, L. “The Sociology of Markets”, The Annual Review of Sociology, no 33, 2007.

Os dois autores trazem em seus textos a suas visões sobre a sociologia dos mercados, explicam que a sociologia dos mercados tem como objetivo investigar como a ação de mercado é estruturada por macroestruturas e examinar a mudança de instituições, redes e estruturas culturais de atuação no mercado.

Beckert, na construção de uma proposta teórica da sociologia dos mercados, começa a discutir por uma premissa inicial de que os mercados são arenas altamente exigentes de interação social, que só podem operar se três problemas inevitáveis de coordenação forem resolvidos. Ele define esses problemas de coordenação como o **problema do valor**, o **problema da competição** e o **problema da cooperação**. O Autor também demonstra que esses problemas só podem ser resolvidos com base em expectativas recíprocas estáveis por parte dos atores do mercado, que têm suas bases na incorporação sócio-estrutural, institucional e cultural dos mercados.

Já o texto de **Fligstein** propões uma crítica às literaturas da sociologia econômica por entender que os campos teóricos que se formaram com frequência parecem falar sem levar os demais em consideração. O texto apresenta uma excelente comparação entre os teóricos da área, discutindo as visões destes para a sociologia econômica.

Ele tenta demonstrar que parte das discordâncias entre os campos teóricos se deve a diferenças na linguagem conceitual, e outras discordâncias estão ligadas ao fato de que os campos teóricos ignoram os conceitos em outros campos, o que torna suas teorias menos completas. Ele também aprofunda a discussão tratando sobre controvérsias mais profundas na literatura que parecem abertas tanto a novas conceptualizações, quanto a pesquisa empírica adicional.

Aula 11 – 06 de novembro

Texto 01: ZELIZER, V. A. O Significado Cultural do Dinheiro: “Dinheiros especiais”. In: PEIXOTO, J.; MARQUES, R. (Org.). A nova sociologia econômica: uma antologia. Oeiras: Celta Editora, 2003, Cap. 3.

Texto 02: DIMAGGIO, P. Aspectos Culturais da Ação e da Organização Econômica. In: PEIXOTO, J.; MARQUES, R. (Org.). A nova sociologia econômica: uma antologia. Oeiras: Celta Editora, 2003, Cap. 4.

Nestes dois textos que integram o trabalho “A nova sociologia econômica” tendo Marques e João Peixoto como Co-organizadores, os autores trazem um debate sobre a sociologia econômica e a cultura.

Zelizer começa a debater inicialmente sobre a representação de o que é o dinheiro, os pressupostos do modelo de dinheiro no mercado e os tipos de dinheiros especiais. Ao analisar o mesmo, a autora expõe sua visão sobre uma concepção histórica e social para o uso do dinheiro, exemplificando que, diferentemente da ideia amplamente difundida pelos economistas, o dinheiro não é apenas um meio de trocas, unidade de conta e reserva de valor. Zelizer expõe uma variedade de exemplos da maneira como as famílias ao longo dos tempos se relacionaram com o dinheiro, como geriram seus recursos e seus orçamentos domésticos.

O debate em sala foi enriquecedor quando o assunto orçamento doméstico x dinheiro das mulheres foi discutido, levando-nos ao questionamento de porque o dinheiro das mulheres (esposas) não era o mesmo tipo de dinheiro que o dos maridos.

No segundo texto, **Dimaggio** exprime sua opinião de que o comportamento econômico se encontra incrustado não apenas na estrutura social, como Mark Granovetter argumenta, mas também na cultura. O autor constrói a base deste argumento através de três problemas econômicos: os aspectos contingentes da racionalidade econômica, a eficiência das empresas e a origem das preferências.

Aula 12 – 13 de novembro (FALTEI – IEC Brasil)

Não participei desta aula devido à participação em evento com meu núcleo, mas novamente dois doutorandos compartilharam seus estudos com a turma, atividade que permite uma interação maior com pesquisas atuais e que acredito ser muito produtiva. Assim, um dos doutorandos foi o Pedro que em sua pesquisa está utilizando uma abordagem institucionalista para avaliar Redes Agroalimentares Alternativas ligadas ao Movimento Slow Food. Ele comenta que essa abordagem se aproxima bastante dos constructos da Nova Sociologia Econômica ao propor como uma de suas estruturas analítico-metodológicas a Habilidade Social, de Fligstein que por sua vez utilizou as bases de Bordieu.

A segunda participante, Mariana, apresenta por seu trabalho um entendimento sobre a produção artesanal do queijo de leite cru, retratando a situação dos agricultores familiares e das adversidades enfrentadas por estes.

Aula 13 – 20 de novembro

Nesta última aula que teve como tema: OS NOVOS DESAFIOS DA SOCIOLOGIA ECONÔMICA: Behavioral Economics e Física Social, foram estes os textos adotados:

Texto 01: Schwartz, B. The Paradox of Choice, 2004 Harper. Prólogo e capítulo 01.

Texto 02: Schwartz, B. The-Paradox-of-Choice-Barry-Schwartz. Artigo.

Texto 03: Steiner. A dádiva organizacional – Steiner.

Texto 04: Beckert. Reimaginando a dinâmica capitalista – Beckert.

Os dois primeiros textos são complementares, onde o autor trás alguns conceitos sobre o paradoxo da escolha. Um deles é o processo de “**Tirarizar**”, onde o autor comenta que à medida que o número de escolhas aumenta, os negativos aumentam até ficarmos sobrecarregados. Neste ponto, a escolha não mais libera, mas debilita. Pode até ser dito que tirariza.

Ele trata sobre os conceitos de Liberdade e distingue assim: A **liberdade negativa** é “Liberdade de” - liberdade de restrições, liberdade de ser informado sobre o que fazer pelos outros.. **Liberdade positiva** é “liberdade para” - a disponibilidade de oportunidades para ser o autor de sua vida e para torná-la significativa e significativa. Muitas vezes, esses dois tipos de liberdade vão juntos. Se as restrições que as pessoas querem “liberdade de” são rígidas o suficiente, elas não conseguirão “liberdade para”. Mas esses dois tipos de liberdade nem sempre precisam andar juntos.

Quando o autor trata sobre o comportamento no processo de escolha o mesmo apresenta dois termos, os “maximizadores” e os “satisfeitos”, onde os “maximizadores” (aqueles que sempre pretendem fazer a melhor escolha possível) e “satisfatores” ou “satisfeitos” (aqueles que almejam “bons o suficiente”, se as melhores seleções podem estar disponíveis).

Achei de grande contribuição para a sociologia econômica a assimilação de algumas teorias das ciências comportamentais para ajudar no entendimento do comportamento social na economia, dentre eles destaco o uso da **Teoria da Perspectiva (Prospect Theory) de Daniel Kahneman e Amos Tversky** que contribuiu para o entendimento dos sentimentos evocados pelo aumento de escolhas.

Finalizando estes textos, uma discussão em sala sobre um conceito de **simplicidade voluntária**, proporcionou a reflexão sobre que estilo de vida queremos ter, entendido como uma maneira para se construir de maneira sustentável uma economia mais justa.

No texto do **Steiner** sobre a **dádiva organizacional**, tive contato pela primeira vez com uma reflexão sobre a atividade de doação dentre de organizações. Discutimos as várias maneiras que se pode interpretar esta dádiva organizacional dependendo da lente que se utiliza para olhar a mesma.

No texto do **Beckert**, Reimaginando a dinâmica capitalista, podemos debater sobre a proposta do autor de que é a ordem temporal do capitalismo o motor constitutivo da dinâmica do capitalismo. Ele defende que em contraste com sistemas econômicos tradicionais, o capitalismo institucionaliza uma organização da atividade econômica na qual os atores são forçados a se orientar na direção de um futuro aberto e imprevisível. O autor comenta que tal futuro representa duas coisas: promessas de possibilidades ilimitadas para os atores, bem como uma ameaça permanente aos seus status econômicos e isso que incessante alimenta a dinâmica do capitalismo.

Conclusão

Acredito que a disciplina cumpriu com a proposta inicial, obtendo um debate e uma reflexão acerca da área de sociologia econômica, analisando por meio de diversos autores as convergências e divergências que surgem da aproximação com outras áreas e examinando os seguintes temas: comportamento econômico e racionalidade, organizações, instituições, convenções, mercados, valores e consumo.

Na minha opinião o formato de “grupos de estudo” adotados nas aulas foram os mais adequados para o atingimento de um debate mais profundo. Deixo como sugestão para as próximas turmas que

como forma de garantia de leitura dos textos por todos, que seja combinada a entrega das respostas das perguntas por escrito para o professor.

A escolha dos textos estudados foi assertiva tanto na quantidade de leitura para cada aula quanto no aprofundamento em temas específicos que cada texto proporcionou. Faço ressalva a apenas um texto que acredito não ter entendido a inclusão do mesmo, apesar de suas contribuições eu achei que se distanciou um pouco da temática principal, o texto do **Steiner** sobre a **dádiva organizacional**.

Reforço que a participação dos doutorandos nos debates, expondo suas pesquisas e correlacionando com as teorias que tivemos contato foi de grande proveito. Esta dinâmica proporcionou uma tangibilidade destas teorias e demonstrou o poder destas perante a interpretação da realidade que vivemos.

Para finalizar deixo a sugestão de acrescentar à disciplina algo de outras áreas que possa complementar o entendimento destas quando forem utilizadas suas teorias. Um exemplo seria, na aula que teorias de marketing fossem criticadas para entender o consumo, o professor indicaria algum vídeo explicando um pouco mais estes conceitos. Este método poderia ser utilizado em todos os momentos que adentrássemos nestas outras áreas como Mercado de capitais, Ciências comportamentais, Finanças pessoais, etc. Com isso acredito que haverá um ganho na qualidade do debate em sala de aula, dando maior robustez aos argumentos.